



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

1

UM LEITO ALÉM MAR: CORPO EM TRAVESSIA, DA MIRAGEM AO SONHO

Mayara Milany do Nascimento Bezerra¹
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Colla²

Resumo

Debaixo dos pés, um berço é uma pesquisa prático-teórica em artes da cena que investiga procedimentos de criação e modos de sistematizar uma obra audiovisual a partir de técnicas corporais e metodologias de atuação. Em *Um leito além-mar*, etapa desenvolvida

¹ Atriz, diretora, educadora e pesquisadora da cena e do audiovisual. Possui graduação em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco (2016), formação técnica em Artes Dramáticas pela Escola de Teatro Martins Pena -RJ (2010) e em roteiro pela Roteiraria - SP (2023). Tem formação livre em diversos cursos nas áreas de atuação, dramaturgia, palhaçaria, performance e roteiro realizados em instituições como Lume Teatro, SP Escola de Teatro, Théâtre du Soleil e Roteiraria. Como educadora, atuou no ensino básico nas redes pública e privada, bem como no terceiro setor. Como atriz e diretora, integrou diversos espetáculos, equipes de curtas metragens, longas e séries de TV. Em 2018, seu filme "Deusa", que reúne alguns de seus principais interesses de pesquisa (dramaturgias da memória, do feminino e cinema experimental), foi premiado no FestCine/PE (melhor filme experimental) e no Festival de Cinema de Caruaru (Melhor atriz). Desde 2022, compõe o Grupo de Pesquisa Kanananê, coordenado pelo ator e pesquisador Carlos Simioni (LUME Teatro). Em 2024 lançou a peça-filme AGUDA, resultado da pesquisa e investigação sobre os limites e trânsitos entre as linguagens do cinema e do teatro. Atualmente é mestranda no PPG em Artes da Cena na Unicamp e desenvolve pesquisa no campo da cena expandida com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, processo nº 2023/13551-7.

Email: mayaramillane@gmail.com

² É atriz-pesquisadora do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP) desde 1994. Atual coordenadora e membro do Conselho Artístico e de Pesquisa do Núcleo. É autora dos livros *Da minha janela vejo...* - Relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no LUME (2006, HUCITEC), *Caminhante, não há caminho. Só rastros* (2013, Ed. Perspectiva), *Práticas Teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos* (2020, Ed. Unicamp) e *Entre cenas, memórias e estilhaços* (2022, Editora Unicamp) e de artigos em livros e periódicos. Doutora e Mestre pelo Instituto de Artes da UNICAMP e Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena na mesma universidade. Foi contemplada com o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico da UNICAMP em 2019 e com o prêmio Terry 2023 de melhor atriz pelo solo *SerEstando Mulheres* no Festival del Monólogos Latinoamericanos en Cienfuegos, Cuba. Apresenta espetáculos e ministra workshops, palestras, demonstrações técnicas e pesquisas de campo sobre o trabalho desenvolvido no Lume em diversas cidades do Brasil e do exterior. Atualmente é pesquisadora principal do Projeto Temático Pedagogias, Processos e Arquivos de Presença, financiado pela FAPESP (2023-2027) e coordena o Projeto Dançantes - Núcleo de Pesquisas em Artesanias do Corpo (desde 2015). Email: accolla@unicamp.br



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

I

durante o estágio na Universidad de Zaragoza (Espanha), sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Victoria Pérez Royo, a pesquisadora aprofunda a relação entre corpo, território e imagem, compreendendo o corpo como dispositivo sensível capaz de produzir e captar imagens sem suporte material — sonhos, rastros, memórias vividas e herdadas. O percurso articula a *Mimesis Corpórea* (HIRSON) e a metodologia *Campo* (SIMIONI) a experimentações audiovisuais, deslocando o audiovisual do regime da representação para o do acontecimento corporal. Em diálogo com estudos em estética, filosofia da imagem e perspectivas decoloniais, a pesquisa investiga procedimentos nos quais artes vivas e cinema coexistem, ativando modos de criação em que o corpo opera como produtor de realidades sensíveis.

Palavras-Chave: Audiovisual, Cena expandida, Corpo e imagem, Filosofia da imagem, Pesquisa-criação.

Este resumo expandido apresenta um recorte da pesquisa *Debaixo dos pés, um berço*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UNICAMP, articulada à experiência do estágio de pesquisa no exterior realizado na Universidade de Zaragoza – Espanha, entre março e agosto de 2025, sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Victoria Pérez Royo e com financiamento da BEPE/FAPESP. O foco central deste texto é a reflexão sobre as imagens invisíveis, aquelas que não possuem suporte material, mas que se manifestam através do corpo pelos sonhos, memórias, sensações, rastros e afeto. A atenção a essas imagens, percebidas pela escuta e pela experiência sensível, estrutura a investigação sobre corpo, memória, território e audiovisual.

O título *Um leito além-mar* remete a uma experiência que ultrapassa o simples deslocamento geográfico: ele nomeia uma mudança no próprio modo de perceber, sentir e produzir imagens. A travessia se torna método, pois, ao deslocar-se, o corpo desloca também seu regime perceptivo. O percurso entre Brasil e Espanha instaurou, desde o início, uma sensorialidade expandida. Na chegada, o frio cortante do inverno colocou o corpo em estado de vulnerabilidade, desestabilizando a percepção habitual e abrindo espaço para outras maneiras de experimentar o mundo.



Essa fragilidade inicial permitiu o surgimento de outras formas de ver: formas não visuais, mas táteis, vibratórias e corporais. Como ressalta Butler (2018, p. 47), a vulnerabilidade não é ausência de força, mas condição para modos expandidos de relacionalidade e percepção. No contexto da pesquisa, essa vulnerabilidade tornou-se uma abertura metodológica: foi justamente no desamparo do corpo deslocado que se tornou possível perceber aquilo que não se apresenta ao olhar. As imagens percebidas nesse processo não pertencem ao campo da visualidade moderno-colonial, mas ao território mais amplo daquilo que Royo denomina substância sonhante — um conjunto de sonhos, memórias, fantasias, desejos e espectros que atravessam os corpos e operam como matéria sensível da criação (PÉREZ ROYO, 2025).

A imersão no ciclo de cinema *Utupë. Aproximaciones a visualidades e imaginarios indígenas contemporáneos*, organizado por Royo na Filmoteca de Zaragoza, aprofundou esse deslocamento perceptivo. A proposta envolveu a exibição de filmes produzidos por cineastas indígenas, ou em estreita colaboração com comunidades originárias brasileiras, com o objetivo de questionar os modos ocidentais e coloniais de ver, propondo um deslocamento do olhar em direção a outras visualidades e imaginários. Inspirado no termo Yanomami *utupë* — traduzido como imagem, mas que também remete a sombra, espírito ou lembrança — o ciclo buscou refletir sobre os limites do regime visual ocidental e sobre as possibilidades outras de fazer filmes. Para os Yanomami, a imagem de vídeo captura apenas a pele do real e não alcança sua dimensão mais profunda; por isso, na criação de filmes, os povos originários não procuram capturar o mundo, mas relacionar-se com ele.

Esse pensamento alimentou a reflexão que eu já vinha realizando na pesquisa: a compreensão de que certas imagens não surgem do visível, mas da relação entre corpo e mundo. É o corpo que encontra primeiro: aproxima-se, escuta, tateia, cheira, sonha. Antes de qualquer câmera, o corpo já está em diálogo com pessoas, coisas e elementos, e é nesse contato poroso que surgem imagens atravessadas por história e memória. São imagens que antecedem a ação, como miragem; que alteram o ritmo, como sonho; que se insinuam no silêncio e convocam o que estava adormecido no tempo. Imagens que nascem no corpo antes de se tornarem superfície. Carlos Fausto (2023, p. 211) amplia essa compreensão



ao observar que, em muitos contextos ameríndios, as imagens “são traçadas no e pelo movimento dos corpos”. Enquanto certos modos hegemônicos privilegiaram dispositivos de enquadramento e estabilização, não apenas representacionais mas ópticos e disciplinares, as imagens de que fala Fausto se orientam por outra lógica: uma lógica relacional, em que a imagem não está separada do gesto que a produz, nem dos vínculos que a sustentam.

As imagens invisíveis constituem um campo partilhado entre corpos. Pérez Royo utiliza o termo *densidade imaginal* para nomear “o espaço povoado por lembranças, fantasias, espectros, projeções e memórias herdadas que circulam entre corpos” (PÉREZ ROYO, 2025). Essa densidade não é interna nem subjetiva: é comunitária, constituída por atravessamentos que excedem o indivíduo. Esse entendimento dialoga profundamente com a *Mimesis Corpórea* (HIRSON), que opera pela observação sensível e pela ativação de invisibilidades, e com a metodologia Campo (SIMIONI), que trabalha a porosidade relacional e a emergência de ações em estado de presença — ambas basilares para minha pesquisa.

Na *Mimesis Corpórea*, observa-se não para copiar, mas para compor um território de tensões que reorganiza o corpo e o lança em estados de porosidade. Trata-se de ativar uma musculatura afetiva do olhar, capaz de reconhecer o que não está em primeiro plano, o que vibra por trás das coisas, o que só se deixa perceber quando o corpo desloca as expectativas do ver. Como afirma Hirson, “o olhar distante não quer necessariamente ver, e sim sonhar” (HIRSON, 2022, p. 211). É nesse campo de fricção entre a observação, o sonho e a memória que a *Mimesis* contribui para minha prática: um procedimento que convoca invisibilidades, dilata camadas perceptivas e sustenta a criação de imagens que não têm suporte material, mas insistem em agir sobre o corpo.

Na Pesquisa Kanaranê, em que aprofundamos a prática da metodologia Campo, é possível perceber que uma imagem surgida em um corpo se propaga pelo grupo, afetando gestos, ritmos e respirações. Há uma espécie de contágio artístico-imagético: a imagem não pertence a um corpo isolado, mas se fabrica entre corpos, como uma zona compartilhada de intensidades. Essa dimensão comunitária da imagem ressoa ainda com o pensamento de Krenak (2023, p. 172), para quem as alianças afetivas entre humanos e



não-humanos configuram modos de existência compartilhados, atravessados por memórias, territórios e afetos. Ver a imagem como relação, e não como representação, aproxima a pesquisa de epistemologias que reconhecem o sensível como força comum — sempre em movimento, sempre em negociação entre mundos.

O estágio em Zaragoza, os deslocamentos por cidades espanholas, o encontro com cosmologias e imagens ameríndias, a vivência em laboratórios de artes vivas e a travessia corpo-território produziram um deslocamento epistêmico fundamental: ver o invisível tornou-se prática de pesquisa. As imagens invisíveis - miragem, sonho, espectro, memória, ensaio, rastro - não representam ausência, mas presença expandida. Constituem matéria artística, teórica e política; modos de perceber e de se relacionar que desafiam o regime de visibilidade da modernidade colonial. Nesse percurso, tornou-se evidente que a imagem não é apenas o que se vê, mas aquilo que nos vê, nos atravessa e nos coloca em relação. Assim, *Um leito além-mar* deixa de ser apenas um título para assumir a forma de método, metáfora operativa e travessia sensível. É o espaço intervalar entre miragem e sonho, onde o corpo aprende a ver sem os olhos e onde a imagem, invisível porém atuante, se manifesta como acontecimento.

Referências

- BUTLER, Judith. *Resistencias: repensar la vulnerabilidad y la repetición*. Barcelona: Paidós, 2018.
- COLLA, Ana Cristina; HIRSON, Raquel Scotti; FERRACINI, Renato. *Entre cenas, memórias e estilhaços*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.
- FAUSTO, Carlos. *O que cabe dentro da câmera: relatos de uma experiência e algumas reflexões*. In: FAUSTO, Carlos; PEREIRA, Edilson; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (org.). *O eixo e a roda: imagem e memória*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023.
- KRENAK, Ailton; CESARINO, Pedro. *As alianças afetivas*. Entrevista a Pedro Cesarino. In: INCERTEZA VIVA: DIAS DE ESTUDO. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 169-184.
- PÉREZ ROYO, Victoria. *Entrevista concedida a Mayara Bezerra*. Zaragoza, 28 ago. 2025. Registro pessoal.